

## O quartzo Crescente

Roberto Mário Schramm Jr<sup>1</sup>

i

É algo de novo

debaixo do sol:

um castelo

de cristal,

uma estrela

decadente

subindo de volta

para o céu.

Claramente

é um Caduceu

a separar duas serpentes;

é um novo fabricante

dos mesmos refrigerantes,

é tudo que ninguém viu

antes:

uma causa

consequente,

uma navalha

sem fio,

---

<sup>1</sup> Doutorando, Programa de Estudos da Tradução. UFSC.

um calafrio

nem frio

nem quente.

É nada que te apoquente:

O discreto ardil,

De um elefante sutil,

que sumiu

subitamente.

É a (reputada) puta que pariu a catapulta,

a planta que tornou, sinsemilla, a ser semente;

a marcha

ré

seguindo

de trás

para a frente.

É um vulcão

que não entrou

em erupção.

É algo de novo

debaixo do sol;

uma estrela,

um atol

arrecifes

de coral;

e o coro dos contentes, –

O

quartzo Crescente ...

ii

É uma cascata

de nitrato de prata,

é taciturno

e eloquente;

é uma estrela neutra

de Prótons e de Prásios,

é um espelho opaco,

é o sopro frequente

do vento solar

atravessando o vácuo.

É um vampiro penitente,

é o próximo presidente

da fundação beneficente;

um recife

uma estrela

um atol: –

é algo de novo

debaixo do sol,

é tudo o que sonhares,

as ondas dos mares,

os ventos solares,

– anéis  
que adornam

o dedo

de Saturno.

É eloquente e taciturno;

é algo de surpreendente:

uma bola que não rola,

uma cuba

libre

sem coca

cola, –

semelhante ao diferente,

prescindindo do precedente,

repensando o impensado,

reluzindo e se apagando,

foco

de luz

no co-

ração das

trevas.

É Adão

e E(r)va,

é a oração do descrente,

e a lua nova morrendo

no castelo do enforcado;

é a prudência sem cuidado,

é a culpa dos inocentes,  
é algo de surpreendente –  
arrecifes de corais,  
é de agora para jamais,  
é o coro dos contentes:

O  
quartzo Crescente ...

iii

São os barões que naufragaram  
beirando a baía rochosa;  
são espinhos  
que perderam  
suas rosas;  
são versinhos  
que se converteram  
à prosa.

É algo de novo  
debaixo do sol, –  
Um aerosol?  
A rosa do povo?  
O que é afinal?  
Um farol mais potente?  
é algo de surpreendente:  
não é filho pródigo,

nem raio catódico

nem o preço módico

praticado

no mercado

do momento.

É um novo acontecimento –

é uma linha melódica,

é a dipirona sódica,

é o próximo elemento

da tabela periódica.

É algo desconhecido,

é algo de inesperado,

são as fadas de nossos fados,

os problemas resolvidos.

São os clusters estelares

são os sonhos do Carl Sagan;

todos os números primos,

todos os números pares,

tudo o que quiseres,

tudo o que sonhares,

todos os poderes,

todos os lugares, –

o quilombo dos palmares,

as sete artes,

o campo de marte;

é algo de novo

debaixo do Sol,  
o arrecife,  
a estrela,  
o atol;  
as decisões desastrosas:

barões

beirando

baías

rochosas.

A chuva

de prata

que a lua

consente.

O próximo precedente,

um ácido por acidente,

um camarão de marijônia,

uma base de amônia, –

feliz ou infelizmente, –

é o coro dos contentes,

O

quartzo Crescente ...

iv

É chuva de canivetes

Sobre as cabeças dos incautos.

São cavalos marinhos

das águas de Tétis.

São vinte sete querubins e os

os anjos arautos

cantando em falsete.

É a epáustula de São Pústula

ao Corinthians de Corinto.

São bombons e vinho tinto,

é a novela das sete,

é a ausência do presente

nas histórias dos históricos;

o futuro do pretérito,

O

quartzo Crescente ..

É um rabanete,

um ricochete,

ou é algo que lhes remete –

é um ramalhete

é um bracelete,

um passarinho, um picadinho,

uma navalha e uma gilete.

São cavalos marinhos

nas águas de Tétis.

É viração, miração

é visagem; é a matéria

com medo, é o segredo



da terra , é uma espera  
perpétua, é uma passagem  
aérea; – é uma imagem  
etérea, – é uma vagem  
é uma ervilha,  
uma luta, uma ilha, uma filha  
da puta. É a novidade  
que não veio  
dar na praia  
e contudo  
é algo de surpreendente:  
é algo de novo  
debaixo do sol  
por incrível que pereça.

    É possível que permaneça  
uma estrela  
um atol  
de coras  
coralinas, e donas  
Janaínas.  
É o fim dos tempos,  
é a rosa dos ventos,  
é a xilocaína,  
é a curva do espaço,  
é um ponto  
infinitamente denso;

é um imenso

consenso,

é aquilo que eu calo,

que eu falo

mas não penso.

É o próximo precedente,

é um verso recorrente,

a câmara dos deputados,

o coro dos contentes,

o Cáucaso dos coitados;

é solúvel e granulado,

instantâneo, intangível,

combustível e comburente;

é algo de surpreendente

é algo, – de novo! – de baixo do sol:

o fragmento de um cristal

uma essência, um insurgente,

um tetra-hidro-carabinol:

O

quartzo Crescente ...

v.

É a liana dos sonhos,

a luz de todos os sóis,

o sal de todos os saís,

a mãe de todos os pais.

As catedrais submersas,  
os cemitérios monumentais,  
os príncipes da Pérsia,  
as profundezas abissais,  
a falências das falésias  
e as notícias dos jornais.

É algo de surpreendente  
são lágrimas de crocodilo  
é o coco do cupuaçu  
e são as cheias do rio Nilo.

É a foz do Iguaçu,  
o delta do Mississipi,  
a nascente do Capibaribe,  
as vertentes do Amazonas.  
São os colares dos caciques,  
é o diadema das Deas –  
o cinturão de Hipólita,  
o carro de Medéia; –  
o álcool do alcoólatra,  
a Pança da Dulcinéia;  
os ídolos e as ídalas,  
os tumores nas traquéias,  
a extração das amígdalas,  
e a autoria da Odisseia.  
É o Vale Marineris –

são cordilheiras marcianas –  
são todos os males venéreos,  
inclusive  
a dor  
de cotovelo  
e água ardente de cana,  
as chamadas interurbanas,  
discadas no anonimato,  
pastorinhas e pastores,  
o pior das coisas boas  
doninhas e castores  
este verso de Pessoa:

“ó universo eu soi-te”;

um isótopo de hidrogênio,  
o labirinto da noite.  
As sandálias de Mercúrio,  
a massa do Tungstênio  
um oráculo, um augúrio,  
a estamina do astênico,  
o bug do milênio;  
o mármore e o murmúrio,  
o espúrio  
dejúrio  
de um perjuro  
acturo –  
palavras pintadas nos muros

da torre decaída

do príncipe da Aquitânia

a la tour abolie.

É algo de novo

debaixo do sol –

uma estrela,

um recife

um atol

um ateu, um a toa,

uma notícia boa,

um anseio, um ensejo,

um pedaço de queijo,

um sobrado, um sobejo;

uma pasta ministerial;

um castelo de cristal;

o cemitério monumental;

o creproustúlo dos sigfriedos

Marcelos em busca

do tempo perdido

à sombra das raperigosas

reparidas em flúor.

São algas marinhas

em greve de fotossíntese.

É a ira das vinhas,

creme e castigo

no engenho de farinha;

meu tênis encardido,  
achados e perdidos,  
rapaces e moscas  
Aves Marias de Rapina:  
as aguerridas águias,  
o falcão que peregrina,  
gaviões que gravitam  
em torno das meninas.

É o fio de cabelo,  
é o sétimo selo,  
é a prova dos nove,  
que, quem sabe, nos comprove  
se chove ou não chove;  
amanhã e sempre;  
aqui ou em parte alguma.

É a próxima patente,  
é a tríplice entente,  
uma estória comovente,  
uma memória recorrente,  
um dano permanente  
ao meio ambiente.

É a força da corrente,  
é algo de novo  
e surpreendente,  
é o calvário de sempre,  
o coro dos contentes, –

O

quartzo Crescente ...

vi

É o cais das gênias  
no estuário do estrelário;  
é uma cascata  
de nitrato de prata  
no perpétuo  
do lunário.  
é algo (de novo!)  
de baixo do sol.  
É uma órbita elíptica,  
é um lago de títica  
ao nível do mar.  
É o problemas de gases  
das luas de Saturno:  
atmosferas de metano,  
lagos de amônia,  
oceanos sulfurosos.  
É a capital da Polônia,  
São as Annas Akhmatovas,  
é o pote de ouro  
na explosão das supernovas.  
É quase um pulsar –

são estrelas negras

atoleiros

de rocamboles

recifes

esquifes

& gaitas de foles.

São dois sanduíches de rosbife.

é uma partida de pif-

paf.

é um bife,

são sílfides,

é a virada do século,

a túnica inconsútil,

a disfunção erétil,

da torre inclinada

de Pisa. As piscinas

de bethsaída. É a saída

da procissão

do senhor morto, –

é seu manto

púrpura.

por pura

usura

da rasa rima.

É um astro argênteo,

são os pés de argila da Argentina;



é o mastro de alabastro;

um cadastro

que fugiu

sem deixar rastro.

É o Bob Marley & o Fidel Castro

é o cais das gênias & o estrelário

do poetastro.

É algo de “novo” debaixo do astro-

rei. É qualquer coisa de difeirante

a Devida Comadria de Dante

e las comadrias de Ceifantes.

São alturas nunca dantes

sobrevoadas. É algo de açúcar

num sabor de Sal. É uma peruca

sensacional; uma pedra

filosofal.

São carecas e cabeleiras

petecas depenadas

criaturas incriadas

tudos e/ou nadas

bruxas ou/e fadas

em vales e/ou colinas

onde chovia e/ou não chovia

sobre paisagens pintadas

em óleo ou/e acrílico.

Chova-o ou faça-o:

desenterrar

um fóssil

não é fácil.

Era algo de novo de baixo do Sol?

Foram florestas de cristal?

Seriam selvas de diamante

com cobras, jacarés, e elefantes?

Caixas de espelhos?

Uma luz ofuscante?

Era um bosque reluzente,

um ígneo pássaro,

sarças de fogo ardente,

um incêndio recrudescente.

Senão, me responda

– Ó leitor hipopócrita;

– Ó leitor alcoolêtra:

então me responda:

Qual é o tempo do ‘daqui pra frente’?

Quando é a hora do ‘até agora’?

O dia do ‘um dia desses’?

A ‘prima’ da primavera?

É algo de muito abundante,

a prova menos difícil,

tetraedros de dióxido de silício:

é olho de tigre, é uma ametista;

é algo de novo, novamente,

é o que houver  
de mais recente,  
sorvetes  
de chocolate  
quente.

Aventurinas em calcedônia.

A capital da Polônia.

O carro

Flamejante

de Faetonte.

O quartzo esfumado.

Um Inca incandescente.

O

quartzo Crescente ...

vii

São alvíssimas torres  
almejando à argêntea lua.

Os cavaleiros do templo  
vendendo sinecuras,

aos credores.

É a lei

da oferta

e da procura

por condores.

São brancas torres almejando à lua minguante,  
constelações incontestáveis e cristais crescentes,  
os bravos e os fortes, impávidos, impotentes,  
as belas malvinas cruéis & espousamantes.

É uma coisa nova debaixo do Sol,

Uma estrela

um recife

um atol.

A interação fracote,  
do eletromagnetismo pessoal,  
a gravidade das maçãs,  
o que atrai os elétrons aos núcleos de seus átomos.

O amor

que faz de céus e sóis

seu gado semovente

seu pasto de matéria obscura.

Todas essas forças

são amores.

Todos esse versos,

são de amor.

Corpos que se atraem.

Será algo, portanto, de surpreendente?

De novo

debaixo

do Sol?

Seria um Bóson que não foi previsto,  
um Fausto que também era Mefisto?  
Teria chagas que não eram as do Cristo?  
Asas nem de pássaro nem de anjo?

Nem menina, nem marmanjo  
nem viola, nem banjo.  
nem sopa nem canja.

E, se, todavia,  
uma violência,  
uma força bruta,  
uma taça de cicuta,  
uma incorpórea luta,  
o argumento que me refuta,  
uma graça substituta,  
uma péssima permuta,  
uma raposa inastuta.

alvas, impolutas,

alvissareiras

(ba)bélicas

torres

brancas

almejando

a argêntea

lua.

O canto do cisne

da sereia afônica

o cogumelo triste  
de uma bomba atômica.  
uma peça rústica  
da moderna música  
sinfônica  
e eletro-  
acústica.

Branças torres  
almejando ao globo argênteo  
de uma discoteca.  
É ferro na boneca  
é no gogó neném.

São Transpicalistas

Neobahianos,  
os pós-bosta-novistas buscando  
o lugar do novo  
debaixo do sol;  
um sótão com solácio,  
e com solstícios,  
para gozar do equinócio criativo,  
em imensas e alvas torres  
almejando a argêntea lua;  
condomínios de alvas torres (ba)bélicas,  
com porteiros fortemente armados  
e churrasqueiras nas sacadas,  
todas viradas

para as estrelas indiferentes.

A indigência dos indulgentes.

Branças torres

com dependência de empregadores

e vistas para um assassinato.

Uma pista para skateboardar;

piscinas púrpuras

com cascatas

de nitrato de prata; –

cristais imperiais nos salões de festas.

Muralhas inexpugnáveis, –

em volta delas:

favelas

cristalinas,

marinas de navios fantasmas.

É uma torre

de cristal

almejando

à argêntea lua nova;

é algo de novo

debaixo do sol,

é o coro dos contentes,

são os acordos excelentes,

agentes

inocentes,

convenientes,

coniventes,  
confidentes,  
e armados  
até os dentes, –  
pelos superintendentes,  
dos insumos existentes  
nos bens  
de consumo  
excedentes.

É algo de  
surpreendente:

O

quartzo Crescente ..

viii

É um fauno. Um fauno  
de pestanas  
trigueiras.  
É o reflexo  
de uma  
das minhas  
duas  
caras  
nos muitos



olhos de um inseto.

São lábios que eu não adoro,

delícias que eu não devoro,

lugares

nos quais

eu não me

demoro.

São as eras nas quais eu não estou;

    Eras de doiradas folhas nunca consumidas, –

nunca pelo fogo,

pois fora um arbusto incandescente

que me dissera “Eu serei contigo.

Eu sempre serei Contigo,

e Tu sempre serás Comigo

Tu sempre estarás contente,

Eu sendo o que sempre tem sido

e sempre

será.

O

    quartzo Crescente ...

O astro argênteo, o estuário

do estrelário.

O cântico do calvário.

Sal & salário,

cor & colorário,

sol & solitário;

o estrelordinário  
estrelionatário  
do rosário  
sagüinário.”

É a alma do mundo,  
um milésimo de segundo,  
elevado ao hipercubo,  
contido em espaçotempo  
tesserático.

É um solácio no ático,  
um fauno de pestanas  
trigueiras a pedir pernoite  
no hostel que antecede  
o labirinto da noite.

Ó leitor de Hipócrates,  
decerto que estamos nós  
nos umbrais  
de um noturno labirinto  
a espera do Minotauro  
em busca das asas icárias  
por de baixo dos gibões de couro  
que trajamos;  
e procurando a ponta secreta  
do fio que a princesa de Creta  
fiando-se em nós dois  
estendeu-nos

São faunos de trigueiras  
pestanas, são bilhões  
de baboseiras: Minotauros,  
Minoboís, e Minovacas,  
Minovitelas, baby-beef de Niñovilhos;  
regras e exceções,  
tomadas de bastilhas,  
pinacotecas de panacas,  
máfias de quadrilhas de festas juninas,  
meninos e meninas,  
ilhas,  
continentes.

O (sic)

quartzos Qrescente.. (!)

Os barões assenhorados dos rochedos,  
navios que encalharam nos baixios,  
agentes que divulgam seus segredos,  
nudistas que adoram sentir frio,  
bairristas que não moram mais nos bairros,  
sobrinhos que renegaram seus tios,  
pulmões abarrotados de catarro...

Algo de novo abaixo dos astros,  
as velas que não tem mastros  
os frascos irremediáveis  
e, detestáveis,  
os elementos

de núcleos  
instáveis;  
os interesses nas porcentagens;  
os lucros injustificáveis.

Batistas e satanistas

jogando amigáveis  
partidas de canastra  
com baralhos falhos  
de tarot cigano.  
São as pilastras  
e os pilares  
das sociedades secretas,  
são ordálias,  
genitais &  
genitálias,  
modernismos digitais,  
a sangrenta abundância  
das cruéis vinganças  
de Amélias e Análias.

A destruição de Numância,  
de Cartago e de Maracangalha.  
É fogo no chapéu de palha,  
é um big-bangue-bangue  
é um exame de sangue,  
um teste e um fardoeste,  
caboclo numa terra em transe.

É a liana dos sonhos  
As eras medonhas de antanho,  
o porvir sinistro e fecundo  
dos laboratórios  
para o fim do mundo.  
Os estágios probatórios,  
Os trainees impacientes,  
nas salinhas adjacentes.  
A semiologia das sementes,  
é de agora em diante,  
é daqui para a frente;  
o aniversariante  
que não ganhou  
nenhum presente.  
São os corais transcendentais  
das ordens angelicais  
incandescentes;  
é o ovo da serpente,  
é a bola para a frente,  
a boca cheia de dentes  
e o coro  
dos contentes:  
O  
quartzo Crescente ..

ix

São paisagens sonoras letradas sem figuras,  
a recreação das recriaturas;  
cachorros que se docedeleitam com linguiças,  
são delícias  
de Fast Food:  
um quarter Pound com queijo,  
e batatas fritas angélicas,  
com Rilke Shake, – e pro arremate  
um baseado  
de erva  
mate.

    É algo de novo  
debaixo do Sol  
uma estrela,  
um recife  
um atol, –  
é um prato de canjica,  
um filme do Kusturica,  
a náusea de Nausicaa;  
é o medo da Medéia,  
a fobia de Febo  
a febre de Febe.

    São os dentes da piranha,  
o beijo da mulher aranha,

a prosódia tacanha,

de uma ariranha fanha,

nas púrpuras

piscinas.

São cestos coletores de cabeças para guilhotinas.

Uma vela Holandesa de alto bordo que se aproxima.

São os vastos corredores para o tráfego de toxinas;

sereias penduradas com os rabos para cima.

É um limão taiti, é uma laranja lima,

a ira das vinhas, a cólera da vindima;

é a raiva do Marcelo Rubens Paiva;

o ódio do Procópio;

é algo que nunca se viu antes:

as pinturas de Cervantes.

os poemas de Beethoven

as sinfonias

de Gonçalves Dias

a telenovela

do Rogério Sganzerla.

É algo

de surpreendente,

como um cactus cadente,

como o Cáucaso sem

Prometeu penitente,

como

O

quartzo Crescente ..

É o recreio das criaturas,

são paisagens letradas sem figuras –

esculturas

& ex-culturas.

São imensos mananciais

Subterrâneos;

rios e mananciais

subcutâneos;

lençóis freáticos abissais, –

abaixo dos cemitérios monumentais, –

de cujos aguaceiros, se os bebeis

esquecereis

de todo o mais.

A cristaleira argêntea

dos salões imperiais

de Endimião e Selene

de Jaci e Diana

de Astarte, de Artêmis,

de Tot, de Neil Armsrong.

São os jardins celestiais de gardênias imortais,

o pomar das Hespérides

e o cais das gênias;

é a palafita

do eremita,



o luxuriante

loft

do amante,

o casebre

velho de guerra

do homem da terra.

É o livro egípcio dos mortos,

e os zumbis do George Romero,

na decida aos infernos

do herói de Homero.

É algo

de novo

debaixo

do Sol.

Uma estrela,

um recife,

um atol,

um xerife,

uma sela,

um paiol,

uma grife,

um lençol,

uma célula,

uma aureola,

um patife,

um terçol.

Uma partida de voleibol.

Um bife de carne de sol.

Uma singela mortadela amarela,

a ser consumida

com cautela:

    é cravo e canela,

a clientela

de Gabriela,

a mazela da tigela que encastela a salmonela.

Por aí vai

um círio,

uma vela

holandesa

de alto bordo

avistada

por um lírio

argênteo

que almeja

a lua prateada.

É algo de surpreendente,

uma sensação premente

de que o ser não é de nada.

O caroço contido na azeitona

contida numa empada;

é uma coxinha

de galinha

que adivinha

a sina de quem vinha:

o destino e porvir do paladino cretino;

o alexandrino imperfeito que eu vaticino.

É a desova dos esturjões fujões da pororoca  
que nadavam contra a corrente caudalosa de Prosecco.

É um vazio imenso,

a ser esvaziado

pelo preenchimento

de uma diversidade infinita

de um único elemento:

multidões de mesmas coisas

cornucópulas dadivosa

de milhares de cópias

da mesma substância.

Um corpo

morto

em decúbito

dorsal.

Milhares de milhões de mesmices;

os corais de um só recife,

as letras da solitária sílaba,

as sílabas da palavra a Sibilar-nos

as palavras de uma única sentença,

as sentenças da míngua de uma língua

as línguas, ínguas, de uma argêntea

torre (ba)belicosa;  
sólida, solitária e orgulhosa,  
que conversa a mesma única prosa  
com os astros argênteos  
de um único e mesmo céu indiferente:

O  
quartzo Crescente ...

x

São os fatos  
da vida.  
São os fogos fátuos  
expelindo uma chama exígua, –  
seus fogos mortos pentecostais,  
rosas murchas nos portões  
dos cemitérios  
monumentais.  
São os qorpos santos nos lagos adormecidos,  
em tempos havidos, – tempestades de gelo.  
São treze fulgurações diferentes  
um fauno, uma fêmea fatal,  
um disco do James Brown,  
uma noite com a Eva Braun,  
uma salva de palmas;  
são trinta dinheiros para salvar minh'alma.

São os mortos

que enterram

seus vivos,

o barqueiro no estuário do rio Lete,

e o óbolo que ostentará na testa.

O barco bêbado nas águas de Tétis,

a besta que infesta e manifesta-

se em, vizinho meu, solar mal-assombrado.

A festa que interrompeu minha sesta:

os sabás do pessoal da casa ao lado –

seus círio, lírios, fogos-fátuos, velas,

um grito, dito, escrito, (en)cantado –

NÓS TODOS SOMOS FILHOS DAS ESTRELAS!

Todo homem,

Toda mulher

é uma estrela;

é uma pinguela posta

entre os dois lados do abismo;

é uma tigela

cheia, uma

cornucópia,

um cacho

de acácias,

todo homem,

toda mulher

é uma galáxia,

um recife,  
um atol,  
o casco de um jabuti  
percutido por um plectro,  
todas as cores do espectro,  
o dó, o ré, o mi,  
o fá, o sol e o si:  
e mais os seus bemóis e sustenidos,  
e os semitons ali contidos;  
    o choro dos recém nascidos,  
desaparecidos  
nos tempos idos.

    Crianças satânicas  
sequestradas  
pelas fadas,  
ocultadas,  
amarradas  
e amordaçadas  
de mãos dadas.

    Jamais foram  
libertadas  
do cativeiro.

    Todo homem,  
toda mulher  
é um cruzeiro  
do Sul;

é algo  
de novo  
debaixo  
do Sol.  
São pontos reluzentes,  
perenes e fugazes faróis acesos;  
pulsares pulsando  
no labirinto da noite.  
Catástrofes,  
monstruosidades,  
a as centenas  
de milhares  
de maravilhas  
do mundo.  
Algazarras de cacatuas,  
pavões e pelicanos,  
aves raras, pássaros paradisíacos,  
aves incandescentes nos arquipélagos do Édenburgo.  
A fênix no camafeu de ônix  
a Marvel e a D.C. Comics  
o baterista dos Sonics,  
vales se silicones que  
observam as colinas cristalinas  
em volta, sem revolta; –  
como fogos  
fátuos

expelindo  
uma chama  
exígua;  
ígneia serpente de fogo  
cavalgada por um Fausto  
que também era Mefisto,  
com chagas que não eram as de Cristo,  
o enigma da insígnia de um estigma,  
um sintagma que também era paradigma,  
a forma maiúscula da letra Σ.  
Todos estrelas  
todos filhos  
das estrelas  
todos descendentes  
    ..dO  
    ..quartzo.. Crescente..  
Será tudo o que sonhares,  
todos os lugares,  
tudo o que quiseres,  
tudo que mandares:  
as mesas de todos os bares;  
os primos dos números pares;  
as joias lapidares;  
os pálidos pilares  
das brancas torres circulares  
que almejam os ares.



Serão faunos de altaneiras pestanas trigueiras;  
sereias nos aquários, nos açudes, nas peixeiras;  
cavaleiros templários trepando nas palmeiras;  
jardins imaginários com rosários e roseiras.  
Será a estrela da vida inteira,  
alvas torres, que almejaram o astro argênteo,  
na aurora doirada de um novo contratempo:  
quando o alento dos Aesires assoprava cata-ventos  
contra o barco de Osíris, contra-navegando o vento.

Será tudo ao mesmo tempo  
de um só golpe,  
de súbito,  
decúbito  
dorsal  
Atalante; –  
ave Rara  
que pousara  
em procissão; –  
será tudo  
no mesmíssimo instante:  
nascemorreremos,  
acordormiremos,  
nadandaremos,  
exinspiraremos,  
subtradicionaremos,  
começaremos enquanto bebemijericamos.

Será o que quisermos,  
Dédalo e Telêmaco  
catando conchinhas na praia,  
a orla coberta de uma névoa espessa.

Serão foguetes lançados  
das estruturas sepulcrais,  
objetos não identificados  
sobrevoadando as catacumbas  
dos cemitérios monumentais;  
serão mísseis desde as criptas  
a despencar nos campanários  
das catedrais submersas,  
serão equidades iníquas  
estratégias oblíquas  
de finos felinos persas.  
A captura das capitais;  
a queda dos pardais  
em funduras abissais;  
as ossadas de quem jaz  
nos ossuários colossais  
no jardim da paz  
Celéstica;  
Os confins  
da garagem  
hermética.

O país

do amor é o exterior  
de uma necrópole.  
Seus jardins, infinitos  
Medusários, estatuários  
museus de astros que se transformaram  
em mármore e granito.

Que sejamos sempre fíton,  
que haja sempre  
um solário em nossos sótãos  
por onde possam brotar os fótons,  
um lugar na mesa  
para a sobremesa,  
uma porta aberta  
para a coisa certa,  
uma banda larga  
pra quem me traga  
uma coisa a toa,  
uma notícia boa,  
uma pedra rosa,  
e uma bela prosa  
sobre um Sol nascente  
no grande oriente;  
sobre a morte do deus morto;  
sobre um pássaro gigante incandescente  
sobre

O

quartzo Crescente ...

xi

São as máquinas fantasmagóricas que conduzem as massas,  
os pássaros andróginos que fizeram a luz brotar,  
barões que naufragaram, – a beirar,  
baías rochosas.

Sereias safas  
e nefelibatas  
que se banhavam  
em Águas de Lindóia,  
sob uma cascata  
de nitrato de prata;  
e nadavam  
em nuvens.

É a lua nova morrendo por de trás do castelo do enforcado,  
e o que se via da baía onde os barões tem naufragado;  
os cavalos marinhos das águas de Tétis  
os corais de querubins – pelo menos uns vinte e sete –  
que cantavam em falsete.

É a liana dos Sonhos – a luz de todos os Sóis,  
O sódio de todos os sais, a mãe de todos os pais,  
As catedrais submersas, cemitérios monumentais  
o cais das gênias, um pelicano, um albatroz,

sob o estrelário. São as brancas torres  
almejando a lua cheia alvissareira;  
são faunos de pestanas trigueiras  
cachorros que circulam os cestos coletores  
de cabeças, nas guilhotinas.

Fogos fátuos  
fracas flamas  
máquinas  
fantasmagóricas  
que conduzem as multidões.

É mister trinta dinheiros  
para salvar nossas almas,  
danar nossos corações.

Eis que, por danar nossos corações  
partidos,  
controlar nossas mentes  
lavadas.

botar a mão em nossos bolsos  
vazios  
terminar a nossa nossa paz  
de espírito;  
eis que haverão sempre,  
as arquimanhas  
das megalojas da grande feitiçaria;  
altares para adorares o deus morto;  
o ministério da educação e do desporto;

os mistérios que ninguém desconhecia.

São os segredos que ninguém mais escondia:

Que o labirinto da noite

precede e antecede

o avarandado do dia;

que as esferas dos astros

giravam em torno

da terra baldia;

que o amor é mais longo

do que as subcutâneas

venosas vias;

que as estradas de artérias

tem mais de um destino

e serventia;

que o mármore

submerge

na prataria;

que a vida era uma vítrea

abóboda que

se partia;

que o homem

fez a via

enquanto ia;

que sem o coração

não haveria

a taquicardia;

que sem o original  
ninguém  
pirataria;  
sem Ulisses  
o filho não  
Telemaquia;  
que Hermes des-  
lizava em certa  
cercania;  
que o dia  
entre os sanguíneos  
tons do ocaso  
decaía ;  
que todo o Naire  
entre Calecu  
e Cananor jazia;  
que as Parcas  
e as fúrias  
são filhas  
da Noite  
labiríntica  
que conduz  
a lux  
até  
o avarandado  
do dia.

Que Palas Atena

converteu as Fúrias

em Eumênides.

Teve ela nisso sabedoria?

domesticar as fúrias

faze-las protetoras da polis

e quem protege-nos da polis furiosa

que nos polícia? quem protege-nos

das metrópoles, das megalópoles,

da Florianópolis, peixotirania

megalômana que nos metropolícia?

Quem floria os florianos?

Quem vigia os vigilantes

que manejam os meliantes;

quem protege os indigentes

da proteção da polis?

Quem protege as proles da proteção da polis?

O própolis da proteção da pólis?

a polícia vai

a polícia vem

(re)pacificar

a comunidade recém-

“pacificada”.

Pax Ceminteriana,

e as êumenides protegem a pólis(cia).

As Eumenides são as fúrias



“pacificadas”, como as comunidades:  
as Eumênides são as milícias de fúrias  
tornadas em polícias pacificadoras.

Fizeste um bom negócio

ó Palas Atena?

A sabedoria anda armada  
com um elmo, um escudo,

um dardo e uma coruja

de olhos abertos

que te vigiam.

A coruja tem os olhos

de milhões de câmeras e câmaras obscuras.

Quem os vigia?

Os milhões de olhos

dos pássaros andróginos incandescentes

que fazem a luz brotar, despertam as sementes

de seus buracos cavados no fundo do abismo.

Quando será

no fundo do poço,

no chão da fábrica

algo de novo

debaixo do sol?

Quando se verá caírem

as máquinas fantasmagóricas

que conduzem as gentes,

e quando, reluzente,

O

quartzo Crescente ..

quase causará um pulsar  
de uma lux quase-estelar  
em treze fulgurações diferentes?

Serão sarças de fogo

um fauno,

uma fêmea

fatal

uma noite

com Eva Braun

um disco

de James Brown,

um brownie

c/ mingau

primordial.

Explodirão

então

os fogos artificiais

do show pirotécnico?

E a revolução

vai passar na televisão?

Quem vai assistir? comprar os direitos

de transmissão? Quem os venderia?

A Fifa? O Cob? as cias telefônicas?

Algum partido político?

Serão as revoluções e os apocalipses  
testemunhados por uma espessa rede social  
de redes sociais, por milhões de blogueiros,  
E seus leitores? Não estarão ocupados  
se recriando, se recreando ou sendo aniquilados?

E quem operaria as câmaras obscuras  
em caso de ‘o fim do mundo’?

No caso

de algo de novo

de baixo do sol?

De quando não valerem mais as lei da física?

O que será, pois, então, depois da polis?

Das fúrias, da polícia e da política?

Um lago de títica?

Um deserto de sal?

Um castelo

de cristal?

Um desvio para o vermelho?

Ó nebulosas negras desastrosas

quais segredos que guardais

para os filhos de Eva

Há um outro véu por de baixo

do véu de vossa treva?

É mister que haja o mistério,

ó refém do refrigério,

o picolé imperial

na geladeira

do necortério?

Quem responde o questionário

afinal?

O ossuário,

ou o estatuário

do cemitério

monumental?

Quem Responderá?

Definir-se-o-á

dificilmente;

se o poderá

previr

tão somente

na forma

do perigo

intermitente;

O que há de vir

enquanto houver o devir

e terá de haver

haja o que houver;

será qualquer

ente

emergente

que eu quiser;

o que vai ter

que acontecer

de repente,

independente

de eu gostar;

é o que quer

que vier

pela frente:

O

quartzo Crescente ...

*Florianópolis, 04/10/2012*



